

Nosotras e o Círculo de Mulheres Brasileiras:

feminismo tropical em Paris



Prisão das vassouras (detalhe).

Joana Maria Pedro

Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisadora do CNPq e co-coordenadora do Instituto de Estudos de Gênero (IEG), sediado na UFSC. Autora, entre outros livros, de *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994. joanamarca.pedro@gmail.com

Cristina Scheibe Wolff

Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisadora do CNPq. Autora, entre outros livros, de *Mulheres da floresta: uma história – Alto Juruá, Acre, 1890-1945*. São Paulo: Hucitec, 1999. cristiawolff@gmail.com

Nosotras e o Círculo de Mulheres Brasileiras: feminismo tropical em Paris*

Joana Maria Pedro

Cristina Scheibe Wolff

RESUMO

Em meados dos anos 1970, mulheres brasileiras exiladas formaram na França, em Paris, dois grupos feministas — o Nosotras e o Círculo de Mulheres Brasileiras —, e as diferenças entre ambos constituíram-se de disputas que se expressaram de diferentes formas. Observar essas diferenças por meio das imagens presentes nos materiais que divulgavam suas idéias é o que se discute neste artigo.

PALAVRAS-CHAVE: feminismo; diferenças; imagens.

ABSTRACT

In the middle of the 70's, exiled Brazilian women formed in Paris, France, two feminist groups — Nosotras and Brazilian Women Circle —, and the differences between both of them were constituted from disputes expressed by different forms. Observing these differences through the images, which appear in the material that exposed their ideas, is what this article purposes.

KEYWORDS: feminism; differences; images.



As discussões sobre os feminismos têm sido, costumeiramente, centradas nas narrativas orais, nos textos dos periódicos, em seus manifestos, livros fundadores, artigos acadêmicos importantes, artigos de jornal, atas de associações, relatos de eventos etc. Entretanto, para além dessas formas narrativas, há também o que pode ser observado através das imagens¹ e símbolos adotados nas ilustrações dos periódicos, seja na capa ou no interior de suas páginas. Há, ainda, as imagens dos panfletos e manifestos que acompanham textos destinados — como todos os demais — a sensibilizar, atrair adeptos, demarcar espaços de identificação.

Ao abordar essas imagens, pretendemos fazer um diálogo com algumas questões que têm encontrado discussões acaloradas no campo feminista. Para tanto, focalizaremos dois grupos feministas brasileiros que se formaram na França, compostos principalmente por mulheres exiladas. Os debates que elas travaram sobre o que entendiam por feminismo nos mostram a maneira como se apropriaram das discussões que se faziam em âmbito internacional. A forma como ilustravam seus periódicos, panfletos e manifestos permite-nos uma análise sobre o que era considerado “próprio” para o feminismo no qual se engajavam.

As capas desses periódicos representam, respectivamente, dois grupos de mulheres que se formaram em Paris, na França, em meados da década de 1970. Ambos se diziam feministas e eram compostos por mulheres, em sua maioria, exiladas brasileiras. O segundo contava com uma

* As reflexões deste artigo fazem parte de duas pesquisas: *Revolução do gênero: apropriações e identificações com o feminismo (1964-1985)* — coordenada por Joana Maria Pedro, com recursos do CNPq e contando com a participação de Roselane Neckel — e *Relações de gênero na luta da esquerda armada: uma perspectiva comparativa entre os países do Cone Sul, 1960-1979*, coordenada por Cristina Scheibe Wolff, também com recursos do CNPq.

¹ Ver KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. *ArtCultura*, v. 8, n. 12, Uberlândia, Edufu, jan.-jun. 2006.

Capa da revista *Agora é que são elas*. 1975.Capa da revista *Nosotras*. 1975.

presença mais forte de outras mulheres da América Latina, entretanto tinha em sua coordenação a brasileira Danda Prado². Neste artigo, pretendemos focalizar a constituição de diferenças entre esses dois grupos, através das imagens que divulgavam.

Convém lembrar que o próprio feminismo, tanto o de “primeira onda” como o de “segunda onda”³, constituiu-se num processo de construção de diferença, mesmo que buscando a igualdade⁴. Joan Scott pôde mostrar a presença desse processo já no final do século XVIII, nos embates da Revolução Francesa⁵. Entretanto, embora esse paradoxo tenha uma emergência bastante antiga, foi certamente no feminismo de “segunda onda” que o uso da diferença, como forma de luta, foi mais explicitado.

² A narrativa do grupo *Nosotras*, coordenado por Danda Prado, já foi divulgada em outros textos, porém com outros objetivos. Para este artigo torna-se necessário narrar novamente. Ver PEDRO, Joana Maria. *Nosotras, Nós Mulheres, Nos/Otras, Noidonne*. Rede de divulgação feminista dos anos 70 e 80. In: WOLFF, Cristina Scheibe, FAVERI, Marlene de e RAMOS, Tânia Regina de Oliveira. *Leituras em rede: gênero e preconceito*. Florianópolis: Mulheres, 2007. Ver também GOLDBERG, Anette. *Feminismo e autoritarismo: a metamorfose de uma utopia de liberação em ideologia liberalizante*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – IFCS-URFJ, Rio de Janeiro, 1987, e ABREU, Maira Luisa Gonçalves de. *Feminismo no exílio: Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris*. Monografia – IFCH-Unicamp, Campinas, 2006.

³ O feminismo, como movimento social visível, tem vivido algumas “ondas”. O feminismo de “primeira onda” teria se desenvolvido no final do século XIX e se centrado na reivindicação dos direitos políticos — como o de votar e ser eleita —, nos direitos sociais e econômicos — como o de trabalho remunerado, estudo, propriedade, herança. O feminismo chamado de “segunda onda” surgiu depois da Segunda Guerra Mundial e deu prioridade às lutas pelo direito ao corpo, ao prazer, e contra o patriarcado — entendido como o poder dos homens na subordinação das mulheres. Naquele momento, uma das palavras de ordem era: “o privado é político”. Convém lembrar que há discussões sobre a quantidade de períodos em que se dividiria a trajetória do feminismo. Enquanto algumas autoras, e entre elas nos incluímos, definem a existência de duas “ondas”, outras autoras, como Ana de Miguel Álvares, relacionam três grandes “blocos” da trajetória do feminismo. Ver ÁLVAREZ, Ana de Miguel. *História do feminismo*. Disponível em <www.creatividadfeminista.org>. Ver também DELPHY, Christine. *Patriarcado (Théories du)*. In: HIRATA, Helena et al. (orgs.). *Dictionnaire critique du féminisme*. Paris: PUF, 2000.

⁴ Ver SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. *Revista Estudos Feministas*, v. 13, n. 1, jan.-abr. 2005.

⁵ Ver SCOTT, Joan W. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Florianópolis: Mulheres, 2002.

⁶ Ver FRIEDAN, Betty. *Mística feminina*. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

⁷ Os grupos costumavam ter entre seis e 24 mulheres. Ver FARRELL, Amy Erdman. *Ms. Magazine e a promessa do feminismo popular*. São Paulo: Barracuda, 2004, p. 37-38. Ver também ERGAS, Yasmine. O sujeito mulher. O feminismo dos anos 1960-1980. In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. Porto/São Paulo: Afrontamento/Ebradil, 1995.

⁸ Cf. FARRELL, Amy Erdman, *op. cit.*, p. 36.

⁹ FREEMAN, Jo. *A tirania das organizações sem estrutura*. São Paulo: Index Editora Prohibitum, 2002, p. 3.

Aquilo que os chamados “grupos de consciência” passaram a compor a partir de meados dos anos 1970, nos Estados Unidos, foi a noção de que era uma “Mulher”, separada da noção de “Homem” universal. Por meio da constituição de grupos de consciência, mulheres — muitas donas-de-casa de classe média urbana, já com filhos crescidos, personagens focalizadas, muitas delas, no livro de Betty Friedan⁶ — passaram a discutir a própria vida. Nessas discussões, essas mulheres não somente se deram conta de que o que viviam individualmente era vivido também por todas as demais — portanto, como questão coletiva, como parte da cultura, como relação política —, mas também passaram a constituir uma noção de “irmandade”. Fazia parte das práticas dos grupos de consciência as componentes, em cada reunião, levarem consigo uma outra mulher, chamada de “irmã”. Na medida em que o grupo crescia, deveria se fragmentar, nunca passando de 24 mulheres.⁷

Esses grupos eram formados apenas por mulheres. Muitas eram mulheres casadas de classe média urbana, algumas vinham de diversos movimentos sociais que lutavam contra a discriminação racial, pelo fim da corrida armamentista, contra a guerra do Vietnã etc. Nesses movimentos, as mulheres queixavam-se de não ter direito à voz, de sua palavra não ser ouvida. Diziam que os homens controlavam o discurso e as ações e que, nesses grupos, suas atividades eram muito mais voltadas à realização de tarefas do que para a definição de percursos e políticas — estas, monopolizadas pelos líderes homens.⁸

Foi com essas justificativas que os grupos de consciência constituíram-se apenas com mulheres. De acordo com elas, a presença de homens colocava freios na espontaneidade delas, além de eles costumarem monopolizar a palavra. Nos grupos de consciência, todas deveriam ter o direito de falar, não poderia haver lideranças definidas, nem porta-vozes. Nenhuma mulher estaria autorizada a falar pelo grupo. Fazer diferente seria submeter-se à sociedade superestruturada, ao “elitismo de esquerda e de grupos similares”.⁹

Muitos movimentos feministas se formaram, então, através de grupos de consciência, que se pensaram como “diferentes dos homens”, capazes de solidariedade, emoção, sensibilidade. Em vez de fazerem uma administração verticalizada, baseada na autoridade e na hierarquia, propunham uma administração feminina, diziam, apoiada na horizontalidade da autoridade: ou seja, todas as pessoas deveriam participar das decisões.

É importante destacar que muito do que diziam delas mesmas se assemelhava àquilo que, no século XIX, costumava-se afirmar a respeito das mulheres. Entretanto, enquanto no passado a ciência, a religião e a literatura moderna baseavam suas afirmações na “natureza da mulher”, esse feminismo posterior à Segunda Guerra centrava essas afirmações na cultura. A justificativa era de que, por terem, as mulheres, ficado fora das disputas da modernidade e enclausuradas no privado pela sociedade burguesa, haviam desenvolvido uma “cultura feminina” através da experiência com as relações familiares, com vizinhas, cuidando da família, de crianças, de doentes; teriam se tornado muito mais solidárias e capazes de gestos bondosos. Longe das disputas de poder, teriam encontrado maneiras de organizar sua vida e a família através de um novo modelo. Diziam que era preciso substituir “o modelo masculino do individualismo pelo

modelo feminino da irmandade de mulheres”.¹⁰

A existência desses grupos foi uma das principais características do feminismo de “segunda onda”, especialmente o feminismo chamado de “radical”. Tais grupos se espalharam por diferentes países do mundo ocidental e ganharam configurações diversificadas, de acordo com o contexto em que foram se formando. Na época, surgiram muitas críticas a esses grupos. Eles eram considerados inócuos. Dizia-se que a autoconsciência organizava muitas mulheres, mas que elas eram organizadas “para nada”. As mulheres que assim criticavam, defendiam um ativismo que se configurava em manifestações e marchas de mulheres, queima de sutiãs, criação de centros de ajuda, cuidados com a saúde¹¹. Outras entendiam que a transformação se concretizaria apenas com mudanças legislativas.

No Brasil, sabemos da existência desses grupos desde 1972¹². Mas somente em 1975, declarado pela Organização das Nações Unidas (ONU) como o Ano Internacional da Mulher, será possível promover atividades como organização de eventos, publicação de periódicos e, mais tarde, até mesmo manifestações públicas. O contexto da ditadura militar, iniciado em 1964, tornou bastante difícil qualquer tipo de movimentação. É possível estabelecer três etapas do feminismo que se desenvolveu no Brasil: 1) anterior a 1975, composto por mulheres intelectualizadas, que trouxeram do exterior livros, artigos e idéias do feminismo que se desenvolvia na Europa e nos Estados Unidos; 2) a partir de 1975, com a instituição pela ONU do Ano Internacional da Mulher, um feminismo controlado pelos grupos de esquerda que lutavam pelo fim da ditadura e pela anistia; 3) a partir do final da década de 1970, com o retorno das exiladas e o estabelecimento de diálogos mais fortes entre os feminismos no Brasil e o movimento internacional.

Convém destacar, ainda, que a própria ditadura militar no Brasil passou por fases de maior repressão a partir de 1968 — após o Ato Institucional número 5 —, com o fechamento do Congresso e a proibição de qualquer forma de manifestação, com a censura e o combate à resistência, prisões, torturas, seqüestros e assassinatos dos militantes da oposição. O final da década de 1970 inicia uma nova etapa, com a anistia em 1979 e o processo de abertura política, e em 1985 termina o governo militar, que passa a ser encabeçado por civis. Assim, as maneiras como os movimentos sociais atuaram, e suas relações com o movimento das mulheres e feminista¹³ entre 1964 e 1985, estiveram muitas vezes influenciadas pelas diversas fases da ditadura militar.

Justamente por causa desse contexto é possível encontrar fora do país, mais especificamente na França, também nessa década de 70, o surgimento de dois grupos de mulheres brasileiras envolvidas com a movimentação feminista: o grupo de latino-americanas chamado *Nosotras* e o *Círculo de Mulheres Brasileiras* em Paris. Esses dois grupos eram formados por exiladas, pessoas que haviam fugido ou sido expulsas de seus países — que, naquele período, viviam sob ditadura — mas, apesar de se dizerem feministas, consideravam-se grupos diferentes entre si, e não somente porque o primeiro era composto por mulheres de diferentes países da América Latina e o segundo, apenas por brasileiras.

A seguir, podemos verificar dois trechos selecionados do discurso de cada um desses dois grupos.

¹⁰ FOX-GENOVESE, Elizabeth. Para além da irmandade. *Revista Estudos Feministas*, n. 0, 1992, p. 31-32.

¹¹ O feminismo radical dizia ser o patriarcado o “centro da dominação” na “esfera privada”. Ver a esse respeito MIGUEL, Ana de. Neofeminismo: los años sesenta y setenta. Disponível em <www.nodo50.org/mujeresred/historia-feminismo3.html>. Acesso em 25 jul. 2006.

¹² Em 1972, temos notícia de um desses grupos em São Paulo e outro no Rio de Janeiro. Ver GOLDBERG, Annete, *op. cit.*, PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 2003, COSTA, Albertina. É viável o feminismo nos trópicos? Resíduos de insatisfação – São Paulo, 1970, *Cadernos de Pesquisa*, n. 66, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, ago. 1988, e PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). *Revista Brasileira de História*, v. 26, n. 52, São Paulo: Anpuh, 2006.

¹³ Estamos entendendo como movimento feminista as lutas que reconhecem as mulheres como especificamente e sistematicamente oprimidas. É a afirmação de que as relações entre homens e mulheres não são inscritas na natureza e, portanto, são passíveis de transformação. Como movimento de mulheres, entendemos movimentos cujas reivindicações não são de direitos específicos das mulheres. Trata-se de movimentos sociais cujos componentes são, em sua maioria, mulheres. Ver HIRATA, Helena *et al.* (orgs.), *op. cit.*

¹⁴ Editorial do periódico *Nosotras*, editado pelo Grupo Latinoamericano de Mujeres, n. 21-22, ano II, Paris, sept.-oct. 1975, p. 1.

¹⁵ Documento “enviado a vários jornais: *Opinião, Movimento, Brasil-Mulher, Nós Mulheres*; mas não obtivemos respostas”. Paris, 17 dez. 1976. Assinado por: Círculo de Mulheres Brasileiras. Librairie Harmattan 18, rue des Quatre-vents 75006 – Paris. Bibliothèque de Documentation Internationale Contemporaine (BDIC), Archives. F delta 1120(11) Recueil. Brésiliennes en France. Documents. Paris: Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris, 1976-1978 (datilografado: 8 pièces).

¹⁶ Movimento de Liberação das Mulheres. Formado a partir de 1968 por um grupo que incluía Antoinette Fouque, Monique Wittig e Josiane Chanel, tornou-se a grande referência para o movimento feminista francês.

¹⁷ Ver PICQ, Françoise. *Libération des femmes: les années-mouvement*. Paris: Édition du Seuil, 1993.

¹⁸ A respeito das divisões dentro do movimento de mulheres e feminista francês, ver GOLDBERG, Anette. Os movimentos de libertação da mulher na França e na Itália (1970-1980): primeiros elementos para um estudo comparativo do novo feminismo na Europa e no Brasil. In: LUZ, Madel T. (org.). *O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

El feminismo es difícil de definir con rigor, dada la naturaleza del problema que encara y estando las propias mujeres en desacuerdo con lo que hasta ahora se ha considerado característicamente femenino. Podría decirse, quizá, que lo que el movimiento feminista pretende es descubrir la propia esencia de lo femenino y que esa búsqueda sólo podrá realizarse a través de una lucha sin cuartel contra los estereotipos establecidos (...) Ya no se trata únicamente de obtener para las mujeres los mismos derechos y posibilidades que los hombres poseen. Lo que ahora se reivindica es la especificidad femenina y la realización de una verdadera comunidad “humana”. Nosotras – 1975.¹⁴

Somos um grupo de mulheres brasileiras vivendo na França, que sensibiliza-das pelo movimento feminista internacional, resolveram reunir-se para debater, aprofundar e tomar uma real consciência da opressão específica que sofre a mulher nessa sociedade. Opressão essa que aparece não só na perpetuação dos “nobres” papéis que nos foram atribuídos — doméstica/esposa/mãe; mas no conjunto de nossas atividades e na nossa personalidade. Círculo de Mulheres Brasileiras – 1976.¹⁵

Esses dois textos representam embates em torno do significado de feminismo, de lutas no movimento de mulheres, da disputa entre lutas gerais e específicas que se deram entre exiladas na França durante o período da ditadura militar no Brasil. O primeiro foi publicado no periódico *Nosotras*, editado em português e espanhol, e o segundo reproduz um trecho do manifesto enviado a vários jornais brasileiros (*Opinião, Movimento, Nós Mulheres e Brasil-Mulher*) que expunha o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris a esses jornais, porta-vozes do (re)nascente movimento feminista brasileiro e da resistência à ditadura, datado de 1976.

Os dois grupos, por sua vez, sintetizavam entre as exiladas na França as disputas que ocorriam no interior do movimento feminista internacional e também no Brasil. Através de ambos e de suas formas de comunicação, podemos refletir sobre suas apostas, suas identidades e suas diferenças. A própria forma como buscavam atrair leitores, por meio de imagens presentes em suas páginas e manifestos, nos informa sobre suas diferenças ou, ao menos, as diferenças que queriam demarcar e defender.

Assim como surgiram em meados dos anos 60, nos Estados Unidos, os chamados grupos de consciência, também na França esse processo esteve presente, iniciado após a movimentação de maio de 1968. Françoise Picq narra que, como os grupos de consciência norte-americanos, também na França as mulheres que passaram a constituir o *Mouvement de Libération des Femmes (MLF)*¹⁶ recusavam chefias e grupos mistos e afirmavam estar inventando uma nova forma de movimento social no qual predominariam a afetividade, a confiança e a espontaneidade¹⁷. Foi esse ambiente de movimentação feminista que homens e mulheres brasileiros e dos demais países latino-americanos encontraram na França, mais propriamente em Paris, quando aí chegaram, fugidos ou expulsos pelas ditaduras que se espalhavam pela América Latina, especialmente nos países do Cone Sul. Por outro lado, se o MLF inicialmente parecia representar, na França, todo o movimento de mulheres e feminista francês, não tardou a apresentar divisões e diferenças¹⁸. Essas diferenças foram também apropriadas pelas mulheres brasileiras naquele país, na constituição de seus grupos que ora estamos analisando.

Queremos lembrar que o abandono do país de origem, nesse perí-

odo, foi motivado pela busca de refúgio ante a perseguição e as pressões políticas: pela detenção de parentes e amigos próximos; pelo banimento do território em troca de diplomatas estrangeiros seqüestrados; o auto-exílio disfarçado como viagem de estudos ou de trabalho; ou o simples “desbunde” (*décrochage*)¹⁹. O percurso seguido pelas pessoas que iam para o exílio tinha sido, primeiramente, o Chile. Lá, entretanto, não puderam ficar por muito tempo, pois o golpe que derrubou o governo de Salvador Allende, em 11 de setembro de 1973, tornou o país perigoso para a permanência dos exilados. Muitos se dirigiram para a Argentina, mas logo em seguida um golpe militar, em março de 1976, depôs a presidenta Isabelita Perón. O caminho desses refugiados foi, então, preferencialmente, a Europa. Alguns foram para a França.

O boletim *Nosotras* – Grupo Latinoamericano de Mujeres em Paris

Danda Prado foi uma dessas pessoas que rumou para a França, já no início dos anos 1970²⁰. O exílio foi motivado pela prisão de seu pai, Caio Prado Júnior. Sua relação, no Brasil, era com a militância do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Ela conta que, ao chegar na França, verificou a existência de cartazes que divulgavam reuniões do movimento de mulheres e feminista, mas neles não constava o local das reuniões. Sua curiosidade levou-a a articular contatos para descobrir e participar. Foi assim que procurou por Simone de Beauvoir.

Simone de Beauvoir já era conhecida de Danda Prado há muito tempo, pois havia se hospedado em sua casa no Brasil. Entretanto — como ela narra —, a feminista francesa não a considerou preparada para o feminismo francês, uma vez que Danda estava muito envolvida com as questões da esquerda brasileira. Por isso, Simone de Beauvoir colocou-a em contato com uma amiga, para que esta lhe explicasse melhor o que era o feminismo, e convidou-a para participar de um evento que ocorreria brevemente em Paris.

Nesse evento feminista, Danda Prado se engajou num grupo de discussão que focalizava *la femme de maison* e teve contato com o texto de Christine Delphy intitulado “O inimigo principal”²¹. Esse texto a surpreendeu muito. Nele, Christine Delphy articula marxismo e feminismo radical. Para a autora, o “inimigo principal” é o patriarcado, ou seja, “um sistema autônomo de exploração e de dominação”, e considera que o “seu” feminismo é o “feminismo materialista”²². Ela estudara nos Estados Unidos durante três anos e, em 1969, passou a participar de um grupo criado na França que se chamava *Féminin, Marxisme, Avenir* (FMA)²³. O livro citado por Danda Prado foi publicado em 1970, no início do movimento de mulheres na França, e causou um grande impacto sobre o feminismo internacional.

Danda Prado narra, então, que resolveu reunir brasileiras e outras latino-americanas para conversar. O grupo que se formou tornou-se bastante numeroso. Entretanto, houve problemas com os líderes dos brasileiros exilados na França, que queriam saber como ela e as mulheres que estavam se reunindo poderiam ajudar na revolução. Danda argumenta que, tendo se negado a transformar o grupo de mulheres em instrumento para a realização de tarefas propostas e controladas pelos homens, líderes dos exilados, eles passaram a exigir que “suas” mulheres se afastas-

¹⁹ GOLDBERG, Anette. Brésiliennes en exil. *Cahiers du Cedref*, n. 8/9, 2000, p. 45. Foram chamados “desbundados” (*décrochages*) as pessoas de setores das camadas médias urbanas, intelectualizadas, e jovens que passavam a atuar em movimentos de liberação. Tratava-se, em suma, de uma geração que, por conta do AI-5, estava impedida de qualquer atuação política. Vários deles se suicidaram, outros morreram no percurso do uso de drogas. Os processos de liberação pessoal ficavam desligados da luta por transformação social. Em muitos casos, apelaram para a psicanálise como forma de liberação de preconceitos. Ver GOLDBERG, A., *op. cit.*, 1987, p. 62. Convém ainda lembrar que em vários momentos o feminismo de “segunda onda” foi identificado ao “desbunde” no Brasil por utilizar métodos muito semelhantes ao da psicanálise.

²⁰ Danda Prado (Yolanda Cerqueira da Silva Prado) nasceu em São Paulo, em 24 out. 1929. Filha de Caio Prado Júnior, envolveu-se, por causa do pai, nas lutas contra a ditadura militar. Foi para a França em 1970, com 41 anos e divorciada. Lá, teve contato com o movimento feminista francês, formou um grupo de mulheres latino-americanas do feminismo radical, que passou a publicar o jornal *Nosotras*. Hoje, é presidente da Editora Brasileira.

²¹ DELPHY, Christine. *L’Ennemi principal. Partisans. Libération des Femmes* Anné 0. Paris: F. Maspéro, 1974.

²² DELPHY, Christine. *Pour un féminisme matérialiste. L’Ennemi principal. Économie Politique du Patriarcat*. Paris: Syllepse, 2002.

²³ Cf. *idem, ibidem*, p. 30.

²⁴ Perder o apoio significava, para aquelas famílias, perder a ajuda financeira e o emprego. Isso inviabilizaria a manutenção da família na França.

²⁵ Cf. GOLDBERG, A., *op. cit.*, 1987, p. 72.

²⁶ Cf. COLLIN, Françoise. Nuevo feminismo. Nueva sociedad ou el advenimiento de outra. *Nosotras – Grupo Latinoamericano de Mujeres*, ano II, n. 21-22, sept./oct.

²⁷ Maricota da Silva, abr. 1978, em COSTA, Albertina de Oliveira et al. (eds.). *Memórias das mulheres do exílio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 38-39.

²⁸ Esse período é chamado de “separatista” devido a essa prática de grupos de reflexão, dos quais os homens estavam proibidos de participar.

sem do grupo. Chegaram até mesmo a ameaçar retirar o apoio às famílias cujas mulheres continuassem a participar daquelas reuniões²⁴. A ameaça surtiu efeito, e muitas das mulheres brasileiras abandonaram o grupo, pois os maridos e companheiros começaram a fazer pressão²⁵. O grupo, entretanto, não desapareceu. Várias mulheres, principalmente as que vinham de outros países da América Latina, além das brasileiras que ficaram, continuaram mantendo as reuniões e passaram a publicar o boletim *Nosotras – Grupo Latinoamericano de Mujeres em Paris*, cuja capa apresentamos no início deste artigo.

O periódico *Nosotras* era, como dissemos, escrito em português e em espanhol. Seu primeiro número foi publicado em janeiro de 1974 e o boletim circulou até 1976, com um total de 26 edições. Nele, eram divulgadas ações do feminismo em diferentes pontos da América Latina e faziam-se citações de textos e ações do movimento feminista francês. O número 21-22, de 1975, trazia um artigo de Françoise Collin que informava o porquê da necessidade de reuniões exclusivamente com mulheres. Segundo a autora do artigo, o novo feminismo na França seria a apropriação pelas francesas dos grupos de consciência criados nos Estados Unidos, com o objetivo de “criar uma solidariedade ativa, uma identidade, necessária para a organização de sua luta na construção de um mundo mais humano”. Dessa maneira, as reuniões que as mulheres faziam entre elas eram necessárias como uma etapa para atingir esse mundo. Françoise Collin lembra, então, que a presença dos homens nas reuniões freava as palavras e as iniciativas das mulheres, portanto era para escapar a esses freios que os movimentos feministas não aceitavam reuniões mistas.²⁶

O grupo *Nosotras* levou muitas mulheres a se tornar feministas. Uma delas, que participou do grupo e que se chama de Maricota da Silva na coletânea de depoimentos *Memórias das mulheres do exílio*, narra como constituiu uma identidade como mulher nessas reuniões promovidas por Danda Prado: “Pra mim uma experiência muito importante no exílio, certamente eu não a teria vivido no Brasil, foi o grupo de mulheres da América Latina, organizado por Danda Prado. (...) o que interessava fundamentalmente era ver como nós éramos parecidas; era a gente ver como a nossa dor, enfim como a nossa... como o nosso inconsciente tinha sido forjado da mesma maneira.”²⁷

O que esse depoimento traz é a constituição da identidade de “mulher” formulada no grupo, a constatação de que as mulheres são iguais na “dor” e no “inconsciente”. Ainda, nas imagens que o grupo veiculava no seu periódico, podem-se observar as formas arredondadas dos desenhos. As mulheres desenhadas têm formas amplas e circulares. Há, também, enfeitando suas páginas, pequenos pássaros que trazem no olho o formato do símbolo do feminino. Ou seja, além de constituir uma identidade de “mulher”, esse grupo a representa em formas circulares, que remetem à feminilidade.

Entendemos que esses desenhos e formas arredondadas dizem bem da perspectiva de feminismo adotada pelo grupo *Nosotras* em Paris: o feminismo diferencialista, chamado de radical nos Estados Unidos, que pretendia reforçar uma perspectiva “separatista”²⁸ — de somente reunir mulheres —, baseava-se, como se pode ver, numa identidade considerada comum a todas, ou seja, todas as pessoas que, como entendiam, possuíam um mesmo sexo, no caso o feminino, eram identificadas como “Mu-

lher” e passavam a ser pensadas como submetidas ao sexo masculino — sendo, portanto, alvos da mesma forma de opressão. Estamos, por isso, entendendo que era assim, com formas arredondadas — entendidas como indicativas do “feminino” —, que o grupo ilustrava o periódico que divulgava. Além das formas arredondadas, outras imagens evocativas do feminino estavam presentes. Na contracapa do número 23-24, de 1975, foi publicada uma flor que lembra uma vulva aberta, com lábios grandes e pequenos, e o clitóris, que além de evocar a natureza, remete à reprodução. Esse tipo de desenho tem sido comum na obra da artista Georgia O’Keefe, em que as flores evocam a genitália e o erotismo feminino.²⁹



Contracapa da revista *Nosotras*. 1975 (detalhe).

A representação do feminino com imagens arredondadas já foi discutida pela antropologia estrutural. Gilbert Durand, em *Las estructuras antropológicas de lo imaginario*, mostra como o “le primer gesto, la dominante postural” está relacionada com símbolos verticalizantes, como armas, flechas, espadas, cetros, enfim, ligados à virilidade, enquanto o gesto “vinculado al descenso digestivo” apela para utensílios, água, terra cavernosa, vasos, cofres, círculos, enfim, ligados à feminilidade³⁰. Por sua vez, Pierre Bourdieu, no livro *A dominação masculina*, reportando-se aos símbolos e imagens ligados ao masculino e ao feminino, atribui ao primeiro o “reto”, e ao segundo, o “curvo”³¹. Essa é também uma leitura do corpo feminino, visto como arredondado, e distinguido pelo útero em contraposição às formas pretensamente “retas” dos corpos masculinos. É interessante pensar como esses corpos são construções históricas, como faz Gil Mihaely ao mostrar como o corpo dos militares franceses foi adquirindo uma silhueta mais “reta” — com ombros largos e cintura e quadris estreitos — ao longo do século XIX nas gravuras presentes em diversos materiais³². Já as mulheres representadas no *Nosotras* tinham quase sempre formas bastante arredondadas, às vezes até “gordinhas”, o que enfatizava sua feminilidade nesse contexto imagético.

As imagens que repetem as curvas, os círculos, as flores, as referências aos corpos femininos e, especialmente, ao genital, podem estar representando, no periódico *Nosotras*, o entendimento de feminismo que possuíam. Tratava-se de feminizar o mundo, de valorizar o feminino da

²⁹ Sobre a artista Georgia O’Keefe (1887-1986), ver <<http://www.discountgraphics.net/classical/masters/okeeffe1.html>>. Acesso em 31 jul. 2007.

³⁰ Cf. DURAND, Gilbert. *Las estructuras antropológicas de lo imaginario*. Madrid: Taurus, 1981, p. 49.

³¹ Cf. BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2002, p. 16.

³² Cf. MIHAELY, Gil. *L’Emergence du modèle militaire-viril: pratiques et représentations masculines en France au XIX^e siècle*. Thèse (Doctorat d’Histoire Contemporaine) – EHESS, Paris, 2004.

³³ A respeito dessa discussão sobre o antifeminismo e Georg Simmel, ver FLORES, Maria Bernardete Ramos. O pensamento antifeminista. A que-rela dos sexos (republicação). *Revista Faces de Eva – Estudos sobre a Mulher*, v. 1, n. 14, Lisboa: IPHI-UNL, 2005.

³⁴ GOLDBERG, Anette, *op. cit.*, 1987, p. 69.

³⁵ Cf. ALEMBERT, Zuleika. Depoimento fornecido em dezembro de 1978 e publicado em COSTA, Albertina de Oliveira *et al.*, *op. cit.*, 1980, p. 48-68.

³⁶ Cf. COSTA, Albertina de Oliveira. Entrevista realizada por Joana Maria Pedro em 2 ago. 2005, em São Paulo, na Fundação Carlos Chagas, e transcrita por Soraia Mello.

³⁷ Cf. BRITO, Ângela Xavier de. Entrevista realizada em 28 nov. 2005, em Paris, por Joana Maria Pedro.

³⁸ Casa brasileira construída na Cité Universitaire com o objetivo de abrigar estudantes brasileiros na França.

³⁹ Cf. GOLDBERG, Anette, *op. cit.*, 1987, p. 147.

⁴⁰ Ver GOLDBERG, Anette. *Le dire et le faire féministes: une approche socioculturelle du Brésil Contemporain*. Tese (Doutorado em História e Civilização) – Universidade de Paris VII, Paris, 1991, p. 325.

⁴¹ Cf. *idem, ibidem*, p. 330.

existência, este considerado presente em diferentes lugares, inclusive nos homens, precisando, obviamente, ser devidamente desenvolvido. As imagens veiculadas podem nos levar a perceber essas mensagens.

Maria Bernardete Ramos Flores nos lembra que muito desse pensamento diferencialista era referenciado, no século XIX, pelo antifeminismo presente na filosofia e na biologia. Segundo ela, autores como Georg Simmel, por exemplo, sugeriam ao movimento de mulheres, no final do século XIX e início do XX, que buscasse aprofundar as diferenças essenciais e desenvolvesse as aptidões que haviam sido sufocadas e desvalorizadas pela cultura masculina. Mas, a autora alerta, a essência que Simmel quer desenvolver visa reforçar o pressuposto da suprema diferença entre os sexos. Nada poderia ser “intercambiável, transversal, andrógono”.³³

O Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris

Em 1975, portanto no ano seguinte ao surgimento do grupo *Nosotras*, foi lançado o número 1 do boletim *Agora é que são elas*, publicado pelo Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris. Esse grupo parece ter tido uma história iniciada com a chegada de Zuleika Alambert, que era militante do PCB e fora candidata a deputada por esse partido logo após a Segunda Guerra Mundial. Com o endurecimento da ditadura militar no Brasil, passou a ser perseguida. Refugiou-se, inicialmente, no Chile, onde organizou o Comitê de Mulheres Brasileiras no Exterior, e depois foi para a França. Tanto no Chile como na França, Zuleika foi encarregada pelo partido de “organizar e conscientizar as mulheres”³⁴. Essa conscientização não visava o feminismo, mas a participação nas tarefas políticas dos grupos de esquerda que lá se encontravam exilados. Entretanto, mais tarde, ela mesma, por problemas pessoais, veio a se tornar feminista, recusando sua tarefa. De acordo com Zuleika, o movimento não aceitava mais ser instrumentalizado em função de interesses partidários.³⁵

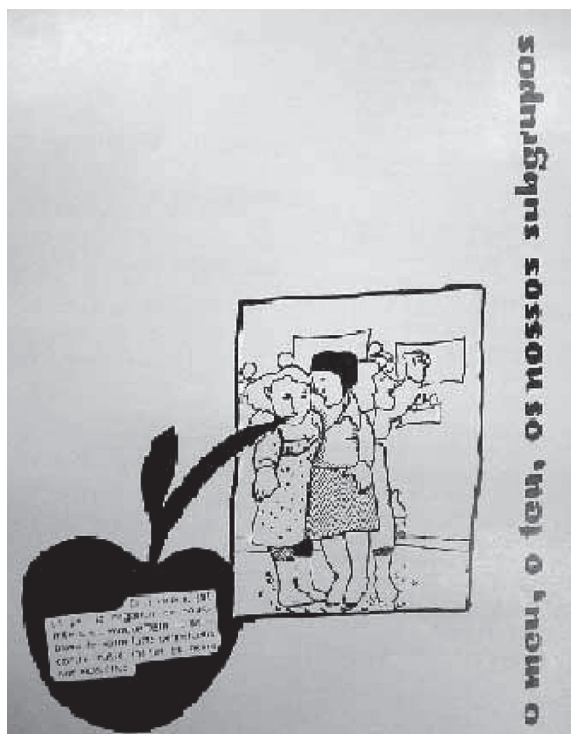
Segundo Albertina de Oliveira Costa, o comitê criado por Zuleika Alambert na França não se firmou³⁶. Um outro grupo de mulheres, não ligado ao de Zuleika, começou a se reunir nesse mesmo período e veio a formar o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris³⁷. Este passou a existir, formalmente, a partir de abril de 1976, embora tenha publicado um boletim datando de 1975, e durou até 1979. A sede das reuniões era a Maison du Brésil³⁸. Anette Goldberg, uma de suas integrantes, afirma que tiveram forte influência do movimento feminista francês. Atuavam, ao mesmo tempo, como “grupo de consciência e como militantes de um feminismo preocupado com a luta de classes”, através dos grupos e partidos políticos³⁹, os quais, de acordo com Ângela Xavier de Brito, eram o MR-8, o grupo Campanha, ligado aos trotskistas, e o PCB. Essa perspectiva não foi boicotada pelos líderes dos brasileiros no exílio, pois o grupo parecia disposto a integrar a luta específica das mulheres com a luta pela democracia e pela anistia no Brasil.⁴⁰

O Círculo funcionava com cerca de 100 mulheres, divididas em grupos e subgrupos especializados em assuntos diferentes. Uma vez por mês, faziam uma assembléia geral⁴¹ e, segundo Maira Luisa Gonçalves de Abreu, atuavam a partir de duas atividades principais: as assembléi-

as e os subgrupos⁴². Esses grupos, embora de acordo com os documentos analisados apresentassem temáticas diversas, segundo as participantes funcionavam muito como os grupos de consciência já mencionados. “A gente discutia textos, chegava um dia e começava a falar de uma experiência de alguma, de um caso que alguém queria contar. Por isso a gente dizia que o subgrupo era a discussão do *vêcu*... tinha uma dinâmica fantástica, ninguém caía a peteca, ninguém deixava de ir. Era uma coisa muito importante, muito incorporada na vida da gente, a reunião do subgrupo” (Ângela Muniz).⁴³

Os jornais e panfletos divulgados pelo Círculo de Mulheres também apresentavam algumas formas arredondadas, porém não era essa a principal característica das ilustrações de seus panfletos e periódico. Apesar do nome “círculo”, as imagens de sofrimento e as alusões à tortura, eventualmente acompanhadas de formas pontiagudas, estavam sempre presentes.

No Círculo, os grupos de consciência também eram usados como maneira de aproximar as mulheres, criando laços de solidariedade através da reflexão. Nesse sentido, o grupo parece se aproximar da proposta do feminismo da “segunda onda”, com alguns aspectos semelhantes ao *Nosotras*, inclusive na estética “arredondada” nas formas das mulheres, na fruta, a maçã, que evoca Eva, a natureza, a diferença das mulheres. O próprio nome Círculo evoca essa “redondeza”, opondo-se também ao quadrado, que naquela época significava conservador, “careta”, e se ligava a todo o imaginário próximo dos militares, da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, tudo aquilo que a ditadura representava.



Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris, 1976-1978.

O meu, o teu, os nossos subgrupos.

No Círculo, as assembléias eram momentos de reuniões gerais em que eram discutidas as conclusões dos vários subgrupos e se tomavam

⁴² Cf. ABREU, Maira Luisa Gonçalves, *op. cit.* Ver ainda GOLDBERG, Annete, *op. cit.*, 2000, 43-68.

⁴³ MUNIZ, Ângela, *apud* ABREU, Maira Luisa Gonçalves de, *op. cit.*, p. 39.

⁴⁴ ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 217, *apud* ABREU, Maira Luisa Gonçalves de, *op. cit.*, 2006.

⁴⁵ GABEIRA, Fernando. *O crepúsculo do macho: depoimento*. 22. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 179.

⁴⁶ "Inês Etienne Romeu: *Séquestrée en mai 71 et torturée pendant des mois par l'escadron de la mort. Elle a été violée par ses tortionnaires. Condamnée à la mort, la peine a été commuée en reclusion perpétuelle. Constamment menacée de mort elle est le seul témoin rescapé contre l'escadron de la mort.*" Tradução livre. Des Prisons et de prisonnières. Bibliothèque de Documentation Internationale Contemporaine, *op. cit.*

decisões mais gerais. Conforme Ângela Xavier de Brito, entrevistada por Denise Rollemberg,

*nas assembleias gerais e nos panfletos, elas tratavam, antes de tudo, de temas políticos como a solidariedade à luta das mulheres brasileiras, feministas ou não, e sobretudo às lutas das operárias, a defesa das presas políticas, a luta pela anistia, a luta do povo brasileiro contra a ditadura. Nos subgrupos, que se reuniam mais freqüentemente, as discussões sobre a vida privada e o cotidiano ganhavam ritmo, a criação de novos subgrupos sobre a sexualidade, o corpo, a maternidade, contribuiu para que brotassem novas relações entre elas e surgisse uma nova forma de solidariedade entre estas mulheres que por tanto tempo disto haviam sido privadas. Uma nova identidade se esboçava.*⁴⁴

Por sua ligação forte com os líderes dos brasileiros exilados na França e por ser formado por muitas militantes exiladas, uma das maiores empreitadas do Círculo era a denúncia à tortura e ao desrespeito aos direitos humanos dos presos políticos do Brasil. Essa era a estratégia adotada pelos militantes de esquerda exilados para sensibilizar os europeus com relação a seus países e à sua própria situação de estrangeiros.

Fernando Gabeira conta sobre isso no seu livro de memórias do exílio, significativamente intitulado *O crepúsculo do macho*. Ele narra sua participação em um tribunal internacional em Roma:

*O Tribunal Bertrand Russel era um sucesso: estava toda a imprensa italiana e estrangeira. Em termos de propaganda contra a ditadura brasileira foi o maior acontecimento isolado de todos os anos de exílio. Minha intervenção foi muito aplaudida e lembro-me que comeci explicando que a tortura no Brasil era uma forma de luta necessária para a implantação da hegemonia do grande capital e mostrei que usava toda a tecnologia moderna a seu alcance.*⁴⁵

Na pasta de documentos relativos ao Círculo que encontramos na Biblioteca Internacional de Documentação Contemporânea da Universidade Paris X, Nanterre, França, essa preocupação com a prisão e a tortura é constante. Ela se expressa em manifestos e em "casos" contados nos boletins, como o que segue: "Inês Etienne Romeu: Seqüestrada em maio de 71 e torturada durante meses pelo Esquadrão da Morte. E foi estuprada por seus torturadores. Condenada à morte, a pena foi comutada em prisão perpétua. Constantemente ameaçada de morte, ela é a única testemunha sobrevivente ao Esquadrão da Morte."⁴⁶

A imagem que acompanha o texto em que se denunciam a tortura e o aprisionamento de Inês, Jesse James, Norma Pereira e o desaparecimento de Maria Regina Marcondes, na Argentina, apesar do sempre presente espelho de Vênus, mostra uma mulher sofrida, magra, longilínea, mas forte. Uma imagem que combina com outras referentes à tortura. A produção gráfica das publicações do Círculo que encontramos é muito bem cuidada. Ela também expressa uma estética e uma preocupação muito próxima da "segunda onda" do feminismo, com a utilização de formas arredondadas, símbolos do feminismo e do feminino, figuras de mulheres e alusões ao privado. Mas, diferentemente do *Nosotras*, a dimensão do político, das "lutas gerais", é sempre referenciada e constitui importante aspecto tanto nos textos como na produção visual. De certa

maneira, há quase uma oposição entre as formas arredondadas e “gordinhas” das mulheres que se representam elas mesmas no círculo, e a imagem das mulheres torturadas, presas, ou que representam as mulheres “do Brasil” ou do “Terceiro Mundo”. É como se, por estarem exiladas, essas mulheres na França pudessem se ver como “mulheres”, e portanto redondas, enquanto no Brasil precisassem primeiro “resolver outras questões mais importantes” como a “luta contra a ditadura”, que exigiria delas posturas, comportamentos e imagens mais retas, longilíneas, vistas assim como mais fortes.



Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris, 1976-1978.

Imagem que acompanha o texto *Des prisons et de prisonnières*.



Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris, 1976-1978.

Prisão das vassouras.

A “prisão das vassouras”, como decidimos chamar a figura acima (à direita), é uma “obra-prima” que consegue sintetizar em uma imagem a preocupação com a prisão e com a tortura, que está dita em palavras nos textos, e ao mesmo tempo a idéia de domesticidade como uma prisão, tão cara ao feminismo. Aliás, é isso mesmo que elas estavam tentando dizer. No texto sem título, assinado pelo Círculo de Mulheres Brasileiras, elas começam dizendo que o lugar das mulheres na sociedade brasileira sempre foi o “papel doméstico, o devotamento à família, a submissão ao homem”. Mas logo passam a falar que muitas mulheres fizeram parte da resistência à ditadura militar que se estabeleceu em 1964 no Brasil e, como tal, foram duramente reprimidas: além das torturas “normais”, como descargas elétricas, golpes e pau-de-arara, elas sofreram também torturas morais e sexuais.

E como uma mulher que se mete em política (sobretudo na política, um negócio de homens) só pode ser tomada como prostituta — em razão de uma visão global da mulher como objeto e/ou preconceito manipulado pelas classes dominantes pelo qual

⁴⁷ *Et comme une femme qui se mêle à la politique (surtout à la politique, une affaire d'hommes) ne peut être assimilée qu'à une prostituée — en raison d'une vision globale de la femme en tant qu'objet et ou préjugé manipulé par les classes dominantes selon lequel le meilleur endroit pour une femme c'est chez elle, enfermée à la maison — les prisonnières politiques seront traitées comme des putains.* Tradução livre. Bibliothèque de Documentation Internationale Contemporaine, *op. cit.*

⁴⁸ “Por uma discussão mais ampla no Círculo Carta de L. e R.” 21/02/77. *Dossiê do Círculo de Mulheres Brasileiras*, impresso (mimeografado) em 1978. Bibliothèque de Documentation Internationale Contemporaine (BDIC), Archives. F delta 1120(11) Recueil. Brésiliennes en France. Documents. Paris: Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris. 1976-1978 (datilografado: 8 pièces).

⁴⁹ GABEIRA, Fernando, *op. cit.*, p. 234.

*o melhor lugar para uma mulher é em casa, confinada em casa — as prisioneiras políticas serão tratadas como putas.*⁴⁷

E terminam denunciando: “No quadro do movimento de mulheres que aparece no Brasil a partir de 75, nós, mulheres brasileiras, denunciámos: a repressão, as torturas. Liberdade para todos os prisioneiros políticos brasileiros. Suporte à luta das mulheres brasileiras.”

Talvez a discussão interna aos grupos de esquerda não aparecesse em manifestos públicos, mas nos parece que ela ocorria internamente ao grupo; afinal, em 1977, o subgrupo Nation, do Círculo de Mulheres Brasileiras, colocava como questões para discussão, entre outras: até que ponto, ou não, pode-se determinar uma prioridade entre nossos objetivos feministas e nossos objetivos políticos?; d) Como se colocaria esta questão da interação/prioridade ou não (...) [na] nossa prática concreta: na colônia brasileira; na realidade francesa; na realidade brasileira.⁴⁸

A questão da prioridade entre objetivos feministas e objetivos políticos (e note-se que os objetivos feministas não são vistos como objetivos políticos) é colocada nesse momento do exílio. Essa era uma das questões que o Círculo discutia em seus subgrupos — é a prisão de vassouras que prende as mulheres a seus “papéis femininos” e que as impede de chegar na cena pública. Um relato “de fora” ajuda a ter uma idéia da importância da discussão do Círculo e de como ele atuava na “colônia” de exilados brasileiros. Fernando Gabeira conta um episódio em que um conjunto musical formado por dois negros e homossexuais, chamado Les Etoiles, se ofereceu para fazer um show em benefício do Comitê da Anistia em Paris e recebeu uma recusa, pois se tratava de homossexuais. Isso levou a um debate sobre homossexualismo no Comitê:

*O debate foi um sucesso e muitas pessoas de esquerda confessaram que aquilo foi útil para quebrar alguns preconceitos que ainda tinham. Os jovens bolsistas brasileiros em Paris estimularam a iniciativa e o próprio Comitê da Anistia reformulou sua posição, anunciando que o tema tinha sido superado. Por baixo de toda a movimentação estava também um grupo de mulheres que se chamava Círculo e que apresentava realmente um caminho novo na colônia. As mulheres discutiam suas experiências contra o machismo e se preparavam teoricamente para enfrentar o problema quando chegassem ao Brasil. Era o futuro se gestando, desde que não visse tudo sob o ângulo de que vivia na Suécia, com a mesma nonchalance européia diante de um debate sobre o voto universal num país do Terceiro Mundo.*⁴⁹

Aparentemente, o Círculo fazia uma discussão de vanguarda e conseguia, a duras penas, espaços de discussão e de rebeldia no campo da esquerda, que era obrigada a repensar suas práticas e seus princípios. As discussões do Círculo, suas imagens e as memórias que temos delas, seja nos poucos documentos preservados, seja nos depoimentos das mulheres que dele participaram, nos ajudam a compreender a dificuldade de se discutir feminismo no interior da esquerda.

As imagens que os grupos Nosotras e Círculo de Mulheres Brasileiras veicularam, além de seus textos, manifestos, artigos, entrevistas, nos fornecem elementos para pensar como esses dois grupos se constituíram de maneira diferente. Como disputaram entre eles, e com os demais, os espaços de visibilidade para suas reivindicações. As formas mais retas

das imagens do Círculo de Mulheres estavam, certamente, em um diálogo com o campo da esquerda brasileira no exílio, coordenado pelos homens e do qual elas não pareciam querer se separar. Estes definiam uma hierarquia para as reivindicações, ou seja, a luta de classes nesse contexto ganhava muita força. A “seriedade” das lutas que essas mulheres travavam deveria ser expressa por imagens de força, para a qual as linhas retas pareciam responder. Por outro lado, a ousadia dos redondos, das curvas e flores do grupo Nosotras mostrava nas imagens quanto o “separatismo” era a solução que apresentavam como forma de — como elas diziam — criar uma nova humanidade, mais feminina. Sonhos expressos nas imagens... diferenças configuradas nas formas...



Artigo recebido em abril de 2007. Aprovado em junho de 2007.

